



NUNO CAMARNEIRO  
Universidade  
de Aveiro  
nfc@ua.pt

## VALIDAÇÃO

O que procuramos na ciência e na literatura? O que nos faz admirar Newton e Kafka ao mesmo tempo? Somos bichos complicados, há que o reconhecer.

Já aqui falei das semelhanças entre literatura e ciência, porque há algumas: a criação de um modelo para melhor tratar a realidade, a necessidade de conhecer o “estado da arte” para depois o acrescentar, a tradução de fenómenos sensoriais numa linguagem estruturada (português, inglês, matemática...). Hoje vou falar do que as separa.

Se pensarmos nos grandes cientistas: Newton, Curie, Darwin, Einstein, há algo que têm em comum - propuseram teorias que foram verificadas experimentalmente, que ainda hoje se mantêm em grande medida e que nos ajudaram a conhecer o Universo e a manipulá-lo. Se pensarmos em alguns dos grandes escritores: Homero, Cervantes, Shakespeare, Saramago, há também algo que os une - permitiram-nos ter uma melhor perceção da realidade, pensar sobre ela e desenvolver um espírito crítico.

Então, o que é que separa os cientistas dos escritores? A razão que me parece mais óbvia é o mecanismo de verificação. Enquanto os cientistas estão sujeitos ao escrutínio do método científico, à replicação das experiências por terceiros e às objeções lógico-dedutivas, os escritores vivem num mundo mais volúvel, mais dado a modas e a questões de gosto, mais permeáveis ao mercado e aos argumentos de autoridade (críticos, escritores influentes, etc.). Um químico, um físico, um matemático propõem uma lei, uma regra ou um teorema, e estes serão testados experimentalmente, ou através de simulações, e logo entendidos como válidos ou falsos. Mas o mesmo não

se aplica à literatura. Muitos foram aclamados em vida e logo esquecidos, outros seguiram o percurso inverso. Não é possível provar através de um qualquer método que Tolstoy escrevia bem. É o tempo que o decide, é a sua permanência, a relevância dos temas e a consistência das personagens que lhe granjeiam um lugar na galeria dos clássicos.

Poderíamos fazer um exercício, trocarmos os métodos de validação e julgarmos os cientistas pelo estilo e pela popularidade e os escritores pelo confronto com a realidade. Algumas teorias científicas ganhariam pela sedução: os quatro elementos, o atomismo de Demócrito, a geração espontânea (ou abiogénese). Outras seriam prontamente erradicadas: a relatividade de Einstein, a teoria quântica, mesmo Darwin, com tanta polémica e desconforto. De igual modo, muitos escritores falhariam o teste da realidade: Jonathan Swift, Kafka, Jorge Luis Borges.

O que procuramos na ciência e na literatura? O que nos faz admirar Newton e Kafka ao mesmo tempo? Somos bichos complicados, há que o reconhecer, e a verdade que encontramos em Newton não se opõe à de Kafka, de algum modo complementa-a, e por isso nos imaginamos transformados num escaravelho e, ainda assim, sujeitos à gravidade. Somos seres científicos e seres literários, albergamos as duas pulsões num mesmo corpo e num mesmo cérebro. Que alguém nos explique isto, pode ser um grande escritor ou um grande cientista.